

Entrevista: Mário Soares, ex-primeiro-ministro e ex-presidente de Portugal

# “Os ricos não podem mandar no mundo”



FOTOS EDUARDO AGNER/ZH

Em visita a Porto Alegre, o português Mário Soares, 77 anos, fala sobre relações políticas internacionais, Fernando Henrique, Lula, o papel da ONU e o futuro do socialismo

FÓRUM SOCIAL  
MUNDIAL

MOISÉS MENDES

**E**m uma das conversas que teve em Porto Alegre, quando do Fórum das Autoridades Locais, o ex-primeiro-ministro e ex-presidente português Mário Soares ouviu a seguinte pergunta: o que pode ser feito concretamente para que se mude o mundo? Como o interlocutor era uma jovem, ele personalizou a resposta:

— Você, por exemplo, pode interferir participando de uma entidade que defenda direitos sociais e meio ambiente. É só participar.

Aos 77 anos, completados no dia 7 de dezembro de 2001, Soares ainda é um militante sem cargos públicos, depois de 16 anos no poder. Preside uma fundação com seu nome em Lisboa, dedicada à cultura, direitos humanos, relações internacionais e questões ambientais. Viaja pelo mundo para propor formas de redução da pobreza e de combate aos efeitos danosos da globalização, em especial a especulação financeira.

Soares é um dos últimos militantes da elite de socialistas europeus surgida nos anos 50. Deixou o governo em 1996 sob a acusação de parte da esquerda de ter se transformado em um reformista que pretende apenas consertar o capitalismo, mas insiste: continua socialista. Nessa entrevista concedida a Zero Hora em sua suíte no Plaza São Rafael, ele fala da sua formação como político, da dominação dos países ricos, do Brasil, de Fernando Henrique Cardoso, de Lula e dos governos socialistas europeus.

**Zero Hora** — Uma pergunta que o sr. fez ao presidente Fernando Henrique Cardoso em 1998: o que o poder representa para o sr., que foi primeiro-ministro e presidente por 16 anos?

**Mário Soares** — Fui primeiro-ministro por seis anos (de 1976 a 1978 e de 1983 a 1985) e tive dois mandatos de presidente da República (de 1986 a 1996). Mas na democracia o poder é sempre partilhado. Também fui secretário-geral do Partido Socialista (PS) durante 13 anos. Nunca fui uma pessoa muito atraída pelo poder. Sempre pensei muito mais a liberdade do que o poder. O poder não me atraiu nunca. O que me atrai é fazer coisas decisivas pelo país. Contribuí para que Portugal fosse uma democracia pluralista e efetiva e para que entrasse na Comunidade Europeia. Livre Portugal duas vezes da bancarrota. Mas o poder, no sentido de manejar dinheiro e ter influências e exercer presões, isso não me interessa nada.

**ZH** — É uma resposta clássica de quem ficou tantos anos no poder?

**Soares** — É minha e é dada com toda a sinceridade. Entrei na política por acaso. Destinava-me a ser professor e filósofo. Tirei o curso de Filosofia. Entrei nas lutas acadêmicas contra a ditadura salazarista e fui preso várias vezes. Pretendia ser professor, mas não deixaram que exercesse minha profissão. Tirei então o curso de Direito e me transformei em advogado. Fui preso e enviado para a Ilha de Santo Tomé, onde estive por um ano como deportado. Depois me expulsaram do país e estive quatro anos na França, onde fui professor de algumas universidades. Aconteceu o 25 de abril (a revolução que derrubou a ditadura, em 1974) e as coisas se precipitaram. Fui empurrado para a vida política pelas circunstâncias.

**ZH** — O Partido Socialista português foi criado na Alemanha?

**Soares** — Foi criado durante o exílio (em 19 de Abril de 1973). O partido surgiu sob inspiração do socialismo democrático. Quando jovem, fui militante do Partido Comunista, nos anos da guerra. Quando aconteceram as perseguições e o processo de cisão do Tito na Jugoslávia (Josip Broz Tito, que governou a Jugoslávia de 1945 a 1980), fiz a ruptura com o partido. Fiz um caminho mais ou menos solitário, como militante antifascista. Congregamos pessoas, criamos o movimento da ação socialista e, depois, o Partido Socialista.

**ZH** — O PS nasce sob inspiração marxista?

**Soares** — Sim, sou um homem de formação marxis-

ta. Os clássicos da minha juventude eram marxistas, o próprio Marx, Engels. Minha apreciação da sociedade era um pouco com enfoque marxista.

**ZH** — O sr. já disse que não leu Marx.

**Soares** — Não li *O Capital*. Fernando Henrique Cardoso fez leituras comentadas do *Capital* com os amigos. Eu nunca tive essa paciência. É um livro realmente muito difícil de ler.

**ZH** — Tentou mas não foi adiante?

**Soares** — Tentei várias vezes. Mas li muitos livros sobre Marx e sobre *O Capital*. Li todo o catecismo, o Marx explicado e dado em livre versão.

**ZH** — E continua marxista?

**Soares** — Não sou no sentido clássico do termo. A visão do Marx moldou-se num momento em que a indústria estava no auge e havia miséria social. A concessão de que a classe operária iria dominar o mundo desapareceu. É uma concessão messiânica que nunca tive.

**ZH** — O que sobrou do aprendizado do estudante de Filosofia?

**Soares** — Sobrou muito. Li bastante Kant, Engels, li os filósofos mais modernos, li Comte, o positivismo, o neopositivismo. Estudei bastante o existencialismo, Sartre, Camus, embora Camus não seja propriamente um filósofo. Nos últimos anos, o Karl Popper foi um dos que mais influenciaram.

**ZH** — O intelectual ainda deve interferir politicamente, ser um militante engajado?

**Soares** — Não tenho esse determinismo marxista. Mas o intelectual é um cidadão e, como cidadão, tem o direito e o dever de intervir.

**ZH** — Contam que certa vez alguém dirigiu ao sr. a seguinte pergunta: em que se percebe a presença de 11 governos socialistas na Europa? A resposta, segundo um crítico do socialismo europeu, deveria ter sido: em tudo que não tenha nada a ver com o socialismo. Mas qual teria sido, afinal, a sua resposta?

**Soares** — (rindo muito) Isso é um exagero absoluto. Há grande diferença entre governos socialistas e conservadores. Um governo socialista, por mais afastado do socialismo, por mais que tenha se convertido à moda neoliberal, como é o caso do Blair (*Tony Blair*, primeiro-ministro britânico), tem uma preocupação

com a justiça social. Se a Europa tivesse governos conservadores, o desemprego subiria, a concentração da riqueza aumentaria, e as políticas sociais em educação, saúde, habitação seriam prejudicadas. O que se chama de modelo social europeu, que é uma criação da social-democracia, entraria em colapso.

**ZH** — Tony Blair é neoliberal?

**Soares** — É um político hábil e inteligente. Mas é um europeu a meias, quer ter um pé na Europa e outro pé nos Estados Unidos. Tenta se apresentar como uma liderança entre a Europa e os EUA, com quem quer ter uma relação especial. Isso não é possível, apesar de a Europa e os EUA serem amigos. Há interesses que são contraditórios. A Europa defende o Tribunal Penal Internacional, os EUA não subscreveram o tribunal. Somos partidários dos acordos de Kyoto para evitar os atentados ecológicos, os americanos não subscreveram o tratado. Somos contra as armas chamadas antipessoais (*bombas de fragmentação, que explodem quando tocam o solo, dispersando minimiunhões sobre uma área ampla*) que matam crianças. Eles querem continuar fabricando e vendendo essas armas.

**ZH** — Se o sr. estivesse no poder em Portugal durante a guerra, seria um aliado incondicional da posição dos Estados Unidos no Afeganistão?

**Soares** — Não estou no poder, estou fora do poder e não quero voltar ao poder. Não quero ter funções políticas nem no meu país nem internacionalmente. Quero fazer conferências, dar opiniões e escrever livros.

**ZH** — Os socialistas perderam as eleições municipais do final do ano passado em Portugal, o que provocou a queda do primeiro-ministro Antonio Guterres. Isso representa um refluxo conservador?

**Soares** — Representa de fato uma onda anti-socialista, que atingiu alguns países da Europa. Começou na Áustria, com a vitória da extrema direita. Depois passou para a Itália, foi para a Dinamarca e agora está em Portugal. Pode chegar a outros. É um novo ciclo de alguma maneira impulsionado por Washington. É uma influência da chegada ao poder dos republicanos, que se exerce de várias maneiras, muitas delas sutis. Os eleitores europeus gostam muito de mudar de governo.

**ZH** — O que se pode esperar do governo Bush?

**Soares** — O Bush fez um grande discurso no Congresso quando explicou sua política contra o terrorismo. Agora, há uma tentativa de modificar as leis de processo penal, para impedir que os presos exerçam seus direitos. São coisas que preocupam. Os EUA também mudam suas alianças. Antes da guerra, uma das bandeiras contra o terrorismo era que a Chechênia era uma ditadura, que não respeitava os direitos humanos. Agora, a Chechênia é aliada e não se fala mais em direitos humanos. O ditador presidente do Paquistão (*Pervez Musharraf*) era considerado um inimigo, porque não era democrático, como não é. Mas, depois, como deu facilidades aos americanos para a guerra contra o Afeganistão, passou a ser um amigo. Essas flutuações são muito normais na política americana. Eles dividem as coisas entre boas e más, em brancos e pretos, mas às vezes as coisas são cinzentas ou têm outras cores. E a política dos EUA em relação a Israel e a Palestina pode dar maus resultados, porque suscita grande mal-estar em todo o mundo árabe.

**ZH** — Como o sr. vê Yasser Arafat mobilizado pelos israelenses?

**Soares** — Eles querem destruir o Arafat. Se destruírem Arafat, destróem a possibilidade de haver um acordo.

**ZH** — O sr. acompanha o governo FH e a campanha para a Presidência?

**Soares** — Sou um amigo do Brasil e não posso me imiscuir na política interna do país. E estamos muito distante da eleição. Antes, vai passar muita água por debaixo das pontes. Sei que o ministro José Serra, que conheço bem, apresentou sua candidatura.

**ZH** — Roseana Sarney, filha do ex-presidente José Sarney, é até agora o fenômeno nas pesquisas. O sr. a conhece?

**Soares** — Tenho relações com o Sarney pai e com Roseana Sarney. Ainda agora em Portugal organizei uma exposição sobre o presidente Sarney e lançamos lá o último livro dele, que se chama *Saraminda*. É um romance muito bonito. Sarney é um grande escritor.

**ZH** — A TV Globo exibe uma série, *O Quinto dos Infernos*, sobre o período colonial brasileiro. O cotidiano da família real é apresentado com muito humor e, segundo alguns críticos, com certo escracho. O sr. viu algum capítulo da série?

**Soares** — Não. Mas isso é normal. Os brasileiros,

num país soberano e livre, devem apreciar seu passado colonial como entendem. São livres para fazer críticas. Eu fiz a reabilitação de Tiradentes em Portugal, onde ele era considerado um traidor. Foi mandado para a força e esquartejado por ordem da Rainha Dona Maria I. Eu, considerando que ele é um herói da Independência do Brasil, fiz um discurso e disse que um herói da Independência brasileiro era forçosamente um herói português. Tenho na entrada da minha fundação um busto em homenagem a Tiradentes.

**ZH** — Pedro Álvares Cabral também é pouco conhecido em Portugal?

**Soares** — Não. Foi um grande navegador português e muito querido. Tem um monumento em uma das praças centrais de Lisboa. O que se conhece pouco é a sua biografia, como a história de outros portugueses, grandes homens que foram esquecidos.

**ZH** — O sr. se considera um dos últimos militantes da geração de ouro do socialismo europeu?

**Soares** — Eu era mais novo que os políticos daquela grande ala que marcou os anos 70. Surgi com a revolução de 25 de abril. A geração tinha o Willy Brandt (*Alemanha*), o Olof Palme (*Suécia*), o Mitterrand (*França*), o Wilson (*Haroldo Wilson*) e o Callaghan (*James Callaghan*), da Inglaterra, o Kreisky (*Bruno Kreisky*), da Áustria, o Brateli (*Tygreve Brateli, da Noruega*). Todos eles são de uma geração anterior à minha, com uns 10 anos a mais. Depois, da minha geração, ainda tem o Felipe González, da Espanha, o Craxi (*Bettino Craxi*), da Itália. Hoje tem essa geração mais nova, que aí está, do Schroeder (*Gerhard Schroeder, primeiro-ministro alemão*), Blair e Guterres, que era um jovem quando surgiu e eu era secretário-geral do Partido Socialista.

**ZH** — Dos citados, quem é socialista?

**Soares** — O grande problema do socialismo é saber como compatibilizar competitividade econômica, que é preciso, com uma certa ordem das finanças públicas e, ao mesmo tempo, manter políticas sociais avançadas. Das experiências socialistas atuais, o que mais se aproxima desse modelo é o Jospin (*Lionel Jospin, primeiro-ministro francês*).

**ZH** — O presidente Fernando Henrique sempre fala de seu esforço na área social.

**Soares** — Fernando Henrique será mais apreciado depois que deixar a Presidência. Não há dúvida de que ele impediu que o Brasil fosse contagiado pela Argen-

tina. Ele conseguiu desvalorizar o real a tempo.

**ZH** — Mas FH é classificado muitas vezes de neoliberal.

**Soares** — Ele não é um neoliberal, é um social-democrata, com algumas concessões. Ele sabe que o Brasil é um grande país e precisa se desenvolver rapidamente. Não pode entrar em lutas tais que deixem o Brasil em total dependência das multinacionais.

**ZH** — O sr. acompanha as experiências com governos do PT?

**Soares** — É uma experiência interessante que se faz em Porto Alegre, ou o mundo inteiro não estaria aqui. Por que os prefeitos de Paris, Roma, Florença, Turim vieram de tão longe? Porque certamente o prefeito daqui tem, por sua obra, importância para atrai-los.

**ZH** — O que o sr. conversou há alguns meses num jantar com Lula em Lisboa?

**Soares** — Conversamos sobre tudo. Ele disse que estaria aqui em Porto Alegre e me encorajou para que viesse. Conheço Lula há muito tempo, antes mesmo do 25 de abril. Lula me foi apresentado pelo cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. Tenho acompanhado sua trajetória política.

**ZH** — Por que a ONU não consegue resolver os conflitos mundiais?

**Soares** — Durante a Guerra Fria, a ONU via o mundo dividido em dois blocos. Conseguiu evitar muitos conflitos. Quando a política passou a ser unipolar, conduzida por uma potência hegemônica, essa potência perdeu o interesse que tinha antes e deixou de pagar as cotas. Criaram-se outras insinuações, como esse G-7, agora G-8 (*grupo dos sete países mais ricos do mundo, mais a Rússia*), que não têm nenhuma legitimidade. Não há nada que nos diga que os países mais ricos é que devem governar o mundo sem ouvir os pobres. Para que avancemos na direção de uma ordem econômica mais justa, é preciso represtigiar a ONU.

**ZH** — O sr. também defende a formação de um governo mundial. Como seria esse governo?

**Soares** — Seria um diretório de países, para acertar a regulação de uma ordem mundial, para impor a paz. Seria uma organização internacional, que trataria das grandes questões mundiais, da crise Argentina à epidemia da Aids. Pode se chamar de governo mundial ou como se quiser. Mas nunca um diretório de ricos, mas sim de nações sábias.